



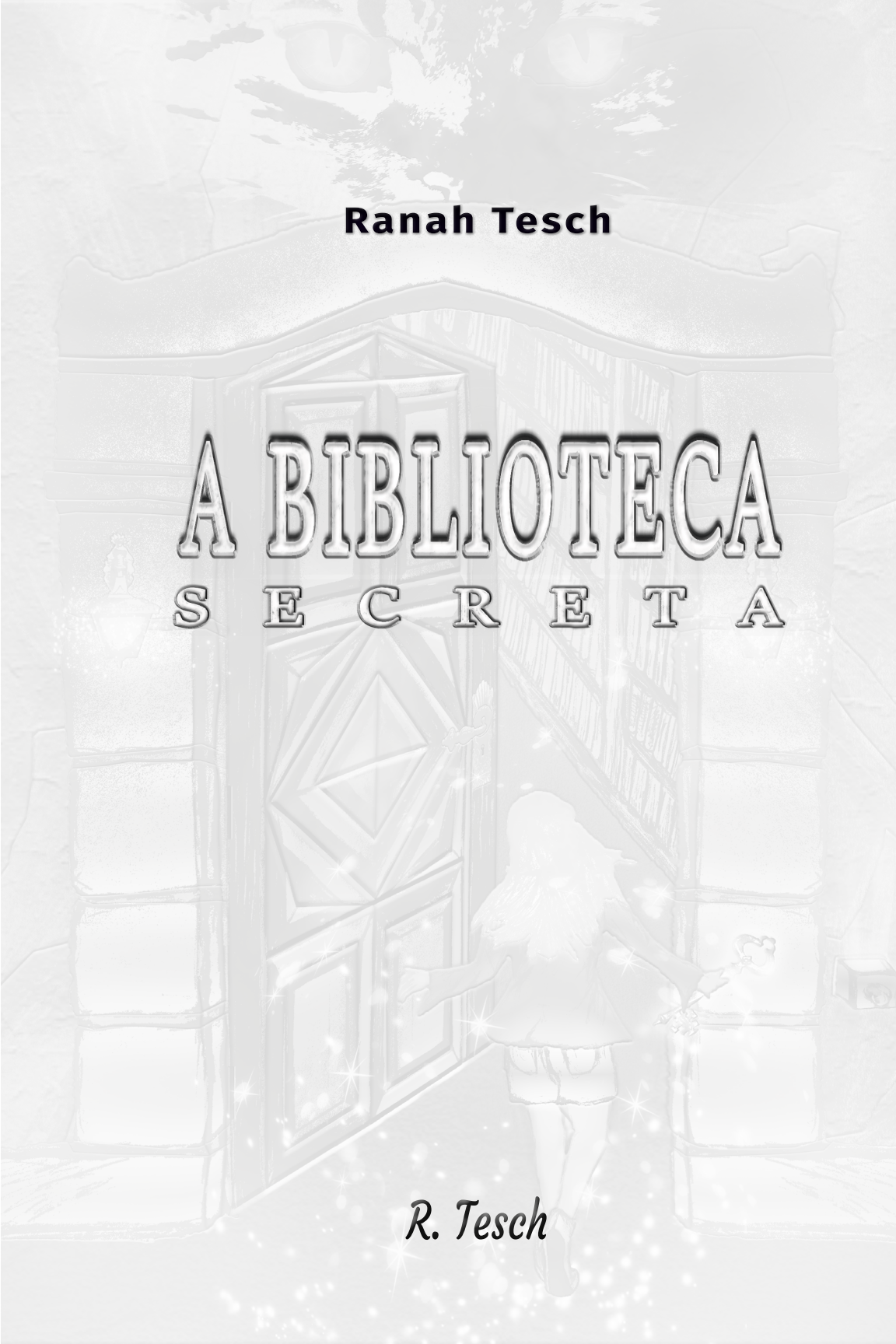
Ranah Tesch

A

BIBLIOTECA

S E C R E T A

Poder vivenciar a história de qualquer livro que quisesse sempre foi seu sonho, mas se tornar a protagonista da sua história favorita é a maior realização de Clara.



Ranah Tesch

A BIBLIOTECA S E C R E T A

R. Tesch

Título original
A BIBLIOTECA SECRETA

Copyright do texto © Roselane Tesch Oliveira, 2014

Todos os direitos reservados

Arte da capa e diagramação: © Ranah Tesch

Revisão: Rosane Tesch de Oliveira

ISBN - 978-85-924578-1-5

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tesch, Ranah

A biblioteca secreta [livro eletrônico] /

Ranah Tesch. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Rosane Tesch de Oliveira, 2018.

945 Kb ; PDF

ISBN 978-85-924578-1-5

1. Ficção brasileira I. Título.

18-15194

CDD-869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura brasileira 869.3

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Para meu pai, Raulino de Oliveira, ou simplesmente Seu Raul, que desde que me entendo por gente nunca deixou de estar ao meu lado, mesmo quando as circunstâncias nos colocavam distantes, e que sempre me apoiou em todos os meus projetos e investidas sem questionar. Para minha mãe, Rosa Tesch, a Dona Rosa, como ela mesma gosta de se apresentar, porque sem ela eu não existiria. Para minha Irmã, Rosane Tesch, que muito me ajudou para que o meu livro chegasse ao público.

Porque a família é o que nos mantém de pé.

Sumário

I.	Um dia fatídico	5
II.	A caminho do novo lar	6
III.	Um novo segundo dia em um novo velho país	16
IV.	A descoberta de uma nova amiga	21
V.	O elo perdido	25
VI.	A Biblioteca Secreta	35
VII.	Sonho ou... Sonho?	40
VIII.	De volta à rotina.....	42
IX.	O primeiro dia na “selva” nova, ou melhor, escola nova.....	47
X.	O passeio da escola	55
XI.	O reinício do sonho	64
XII.	A história dentro da história	75
XIII.	Lar, doce lar	101

I. Um dia fatídico



ste poderia ser um domingo como outro qualquer, um dos dias preferidos de Clara, mas, Clara sentia como se sua vida estivesse arruinada. Na verdade, ela sabia que achar que sua vida acabou era um pouco de exagero, mas não podia admitir que voltar para a casa de sua avó depois de viver quase a metade de sua vida em Saint Germain des Près seria maravilhoso. Cinco anos é muito tempo, afinal, não dá para lembrar o que aconteceu quando tinha seis anos de idade, até porque mal conseguia recordar do que fez na semana passada. As últimas horas pareciam não passar e as incertezas só aumentavam. Clara passou todo o tempo olhando pela janela do avião, mas seus pensamentos estavam muito longe dali. Sua cabeça parecia um turbilhão de pensamentos confusos:

- Como vai ser viver em um lugar totalmente diferente, sem nenhum amigo? E a nova escola? Meus pais não tinham esse direito... E meus amigos? Droga, isso não é justo.

Absorta em seus pensamentos, Clara acabou vencida pelo cansaço e dormiu.

II. A caminho do novo lar



ossa... Não foi um sonho?!

Clara acordou de sobressalto. Olhou em volta e constatou o que temia:

- Não, não era um sonho... Ou melhor, pesadelo. Não é possível que só eu estou me sentindo como se estivesse sendo exilada para uma terra desconhecida.

Olhou em volta. Seus pais, Antônia e Heitor, dormiam um sono profundo enquanto Nicolas jogava em seu celular. Só mesmo em um avião que seu irmão deixaria sua bola de lado. - Acho que Nicolas é o único menino de sete anos que prefere brincar de bola ao invés de jogar videogame - Pensou Clara. Nesse momento ouviu a voz da comissária de bordo avisando que iriam pousar. Seus pais acordaram como se tivesse soado um despertador. Era hora de encarar a realidade.

Depois de pegarem a bagagem, foram para o desembarque. Ao saírem pela porta do aeroporto, Clara teve a impressão de estar atravessando a entrada de uma sauna. O calor era intenso, e a umidade era tão grande que lhe causou um certo desconforto, não que em Paris não fizesse calor, muito pelo contrário, já houve verões em que teve vontade de dormir dentro da banheira submersa em gelo, mas aqui o calor era diferente, era abafado. Sua avó Beatriz e seu avô “posticho”, Aldo, já estavam esperando por eles. Alugaram uma van

enorme para buscá-los. - Faz sentido, estamos mesmo de mudança... aliás, deviam ter alugado um ônibus inteiro só para a bagagem da mamãe - Clara finalmente sorriu desde o dia em que soube que seus pais voltariam para o Brasil.

Sua avó era esguia e elegante. Quando a mãe de Clara dizia que ela tinha 75 anos, sempre achava que Antônia estava exagerando, pois uma pessoa com tantos números na idade parecia ser igual à vovozinha da chapeuzinho em sua cabeça de onze anos. Vendo as duas ao lado uma da outra, entendia a quem tinha “puxado”, ambas eram loiras de pernas compridas e olhos claros, se bem que, todos diziam que ela era a cara do pai, moreno de olhos e cabelos escuros. Na verdade, Clara se achava a mistura exata de seus pais.

Clara se acomodou na terceira fileira de bancos da van, na janela, e continuou calada. Viu o aeroporto se distanciando, enquanto pegavam a estrada para Petrópolis, e, à medida que se afastavam, sentia sua tristeza aumentar. Se distraiu um pouco ao ver um avião levantar voo e aos poucos diminuir de tamanho até sumir no horizonte. - Queria estar naquele avião indo de volta pra Paris - Pensou desolada. - Mas, agora é tarde, melhor imaginar que vim passar os últimos dias de férias com minha avó pela primeira vez, ou pelo menos na vez em que vou conseguir me lembrar... Droga! Não quero lembrar!!! Seu pensamento foi tão intenso que precisou olhar em volta para ter certeza de que seus pais não a ouviram e sentiu um alívio ao perceber que ninguém notara seu desconforto exacerbado com a situação.

A tarde estava muito bonita, o céu ofuscava os olhos de tão azul. Já estavam há algum tempo em uma rodovia larga que parecia

uma reta infundável. O número de carros que circulavam por ela era enorme, alguns passavam em alta velocidade, outros pareciam em câmera lenta e iam ficando para trás. Em dado momento percebeu que um carro prateado emparelhou com a vã em que estavam, foi, então, que percebeu que havia uma menininha de cabelos cacheados quase cor de abóbora acenando para seu irmão, enquanto seus pais se divertiam com a cena. As duas crianças pareciam ter, mais ou menos, a mesma idade. Ela acenava com uma das mãos, enquanto mostrava seu macaquinho de pelúcia na outra, com um grande sorriso de satisfação, como se tivesse acabado de ganhá-lo de presente de natal. Nicolas retribuía os acenos. - Pobrezinha, parece até uma astronauta em uma expedição da NASA, tamanha a quantidade de cintos e fivelas que a cadeirinha tem... Bom, melhor “pecar” pelo excesso de cuidados que pela falta, afinal o Nicolas estava compartilhando com ela do mesmo tipo de “zelo” pelos meus pais.... Talvez seja por isso que ela tenha se identificado tanto com ele. Eu mesma escapei por pouco... Se não fosse meu tamanho avantajado para a minha idade, provavelmente meus avós e meus pais teriam me enfiado numa cadeirinha também... Ficou contente por não ter tido que passar por isso. De repente, a van reduziu a velocidade e os carros se afastaram.

Passaram por um pedágio onde havia várias pequenas filas de carros, mas não chegaram a parar, pois o carro em que estava se dirigiu para a pista lateral e passou por uma cancela que se abriu automaticamente quando a van se aproximou. Logo depois começaram a subir uma serra. Sua avó, que estava sentada com seu avô numa fileira de bancos atrás do motorista, virou-se para trás e perguntou quem se lembrava do caminho. Clara balançou a cabeça em sinal negativo. Nicolas levantou a mão de pronto, todo animado, e disse que

lembrava de tudo. Todos riram.

- Deixa de ser bobo, Nicolas, nem eu lembro de quando viemos aqui da última vez, imagine você, que mal tinha dois anos - Disse Clara, sorrindo.

- Lembro sim, não é vovó?!

- Oh... Claro que sim, meu netinho querido - Respondeu Beatriz, sua avó, piscando o olho para Clara demonstrando cumplicidade.

- Eu vi, vovó, você piscou!!! - Gritou Nicolas, emburrando a cara e cruzando os braços.

Todos deram muitas gargalhadas com a reação do menino, o que levantou o astral da viagem que, até então, não era dos melhores.

Seus pais e seus avós conversavam calorosamente sobre as novidades dos últimos meses, enquanto Clara observava a paisagem da serra. Em alguns momentos as curvas ficavam bastante fechadas e, vez por outra, um caminhão tentava ultrapassar outro e formava uma imensa fila na traseira da van até, finalmente, voltarem para a pista do canto, deixando os outros veículos passarem. Em certo momento percebeu que a estrada dupla, que era mão só de ida, fazia um contorno e cruzava com outra, depois fazia outro contorno e seguia adiante. Clara ficou aliviada por não ser ela quem estava dirigindo, pois certamente iria ficar confusa sobre qual dos lados teria que escolher e lembrou que sempre adorou viajar de carro com seus pais. Olhar a paisagem pela janela sempre a fez quase sair de seu corpo e se imaginar correndo pelas montanhas e florestas a sua volta. Quan-

do via rios e riachos logo se transportava para um barco e se imaginava descendo as corredeiras em direção a uma enorme cachoeira, chegava a sentir os pingos d'água batendo em seu rosto enquanto desbravava as águas agitadas. Mas, seu ímpeto de aventura a levava a tempo para a margem, a poucos metros de despencar de uma enorme catarata. Uma vez, em uma dessas viagens, passaram por um imenso castelo com lindos e bem cuidados jardins. - Como era mesmo o nome dele? Ah, sim, *Château d'Ussé*, Castelo de Ussé, que lugar legal... - Pensou. Seu pai contou que aquele castelo era famoso, todos diziam que ele inspirou Charles Perrault a criar o conto "A Bela Adormecida". Enquanto passavam pelo palácio, começou a imaginar como seria se um dia tivesse vivido ali.

- Quem sabe a jovem do conto não teria existido, mesmo que em outra dimensão?

Esta divagação foi suficiente para Clara, de repente, se ver na pele da personagem de Perrault.

- Hum... acho que não gostaria nem um pouco de dormir por cem anos... Melhor voltar pras paisagens... - Divertiu-se.

Mesmo nas viagens, sempre fez questão de não perder a oportunidade de "pegar no pé" de seu irmão. Todo bichinho engraçado que via na estrada chamava de Nicolas, e seu irmão, por sua vez, ficava emburrado e por vezes ameaçava chorar. Seus pais lhe davam uma bronquinha para consolar o menino, mas bastava aparecer um cavalinho na colina que começava tudo de novo. Essas lembranças fizeram com que a menina se voltasse para seu irmão, percebeu que o cansaço da viagem finalmente o abatera, chegou a ficar com peni-

nha dele, não era por mal que fazia aquilo, e imaginou que morreria se algum dia o perdesse. Passou um bom tempo contemplando o menininho de cabelos castanhos, quase compridos, de rosto suave, que pensava que já era um rapaz. - Talvez ache isto por jogar bola sempre uma ou duas categorias acima da sua, na escola. Todos dizem que é um prodígio para os esportes, e eu acredito. Nicolas dormia como um anjinho abraçado ao seu tamanduá de pelúcia, e, mais uma vez, lembrou o quanto é cruel, por vezes, quando fica com raiva de algo que ele tenha feito e ameaça contar para os colegas do time dele que o pobrezinho dorme com um bichinho de pelúcia. Seu pai dera aos dois bichinhos de pelúcia que representavam a fauna brasileira, dizia que era para nunca esquecerem suas origens, pois tinham que estar abertos para a nova cultura que os abraçava na França sem deixar suas histórias para trás. O seu predileto era um bicho-preguiça, seu pai brincava que parecia com ela quando alguém a pedia um favor que não estava com vontade de fazer.

- Chegamos!!! - Exclamou sua avó, Beatriz, com tanta energia que todos espicharam o corpo para olhar.

- Mamãe, só porque já podemos ver o Hotel Quitandinha daqui não significa que chegamos... - Indagou Antônia, divertindo-se. - Tá bom, tem razão, é só a gente ver o Quitandinha que já nos sentimos em casa....

- Onde, mamãe? - Perguntou Nicolas, ainda bêbado de sono.

- Ali, filho! - Apontou Antônia.

- Nossa, que lindo! Parece até que estamos na França... - Exclamou Clara, com um misto de admiração e surpresa.

De fato, no norte da França é possível encontrar vários imóveis com esse tipo de arquitetura histórica por causa dos normandos que se estabeleceram por lá, ainda na idade média. Clara sentiu a sensação de que realmente estava chegando em casa, apesar dos milhares de quilômetros entre Saint Germain Des Près e Petrópolis. Ficou um pouco confusa com o que sentiu, foi uma mistura de alívio e tensão, pela proximidade da nova casa, que se juntou ao sentimento de perda por não ter mais um lar em Paris para voltar. Mas, sua avó não a deixou ir muito longe.

- Pode até parecer com a França, mas estamos na minha amada Petrópolis! Você sabia que O Palácio Quitandinha foi construído para ser um hotel-cassino na década de quarenta e que por aqui passaram nomes ilustres da história, Clarinha?

- Sério, Vovó?

- Sim, Orson Wells, Greta Garbo, Carmem Miranda e Walt Disney estiveram hospedados aqui... Ah, e o mais legal... O lago foi construído no formato da bandeira do Brasil... Não é maravilhoso?!

- Estamos cruzando o portal de entrada da cidade... Agora sim, chegamos... - Sorriu, matreiramente, Aldo. Sempre brincalhão e simpático, o marido de Beatriz arrancou boas gargalhadas de todos.

Na medida em que cruzavam as ruas da cidade, Clara percebia que seu destino estava selado. Uma nova história de sua vida começava a ser escrita, e por mais que tentasse mudá-la, sentia que as palavras do seu diário pessoal estavam sendo desenhadas por conta própria.

Todos conversavam animadamente sobre a arquitetura, os prédios e construções históricas presentes ao longo do caminho, sua avó não cansava de contar como a cidade foi construída, que Dom Pedro I queria viver aqui, mas foi Pedro II quem trouxe a família imperial para cá por vários verões, que foi a segunda cidade planejada do país, que já foi capital etc, etc... - Nossa, parece mais que estou em uma excursão da escola guiada pela professora de história... - Pensou Clara. As vozes ecoavam e ficavam cada vez mais distantes até que, então, o carro parou. Clara esticou o pescoço e percebeu que estavam em frente a uma casa enorme, com jardins cheios de flores de todas as cores. A casa também tinha uma arquitetura antiga, mas estava muito bem cuidada e Clara não se conteve, tirou o cinto e pulou para fora do carro num impulso e ficou encantada com o que viu. Os raios de sol de fim de tarde que transpunham a montanha refletiam cores vivas que saltavam da casa e da vegetação em volta que, por sua vez, pareciam multiplicar os raios e sua luminosidade para todos os lados. Seus olhos se ofuscaram com tanto brilho, era como se tivessem parado diante de uma enorme tela pintada por Monet. Só que esta era a mais bonita de todas as obras que Clara já tinha visto em sua breve vida. Nada chegara perto de tanto esplendor, nem mesmo qualquer das obras que viu inúmeras vezes no museu de Orsay, nas visitas da escola.

- Minha nossa!!!! - Clara permaneceu um bom tempo de pé, de boca aberta, contemplando aquela imagem. - É surreal... ih... acho que errei de estilo... minha professora de artes diria que é impressionismo puro... ao vivo e a cores... - Parecia catatônica.

- Clara, você está bem, filha?!!!! - Perguntou Heitor, seu pai.
- Clara?!! O que houve, está sentindo alguma coisa? Passou mal na

viagem? Clara?!!!!

- Oi?! Hã... Tá... - Respondeu.

- Tá... quer dizer que não está bem ou está?! - Insistiu Heitor.

- Não... quero dizer... tá tudo bem... só fiquei impressionada com a casa... Não sabia que era tão grande... - Clara sentiu como se tivesse saído de um transe, piscou os olhos e percebeu que o sol tinha se escondido por trás da montanha, e, apesar da casa continuar linda, o sumiço dos raios de sol tinham feito com que a casa parecesse normal agora. - Acho que tantas horas de viagem devem estar me fazendo ver coisas... Tô só um pouco tonta.

- Oh, minha netinha linda... Vem com a vovó... Você deve estar destruída com a viagem... Beatriz pegou a mochila de Clara e entregou para Heitor sem nem olhar para ele e com enorme preocupação a conduziu para dentro. - Vem comigo, minha florzinha... Vovó vai te levar pra dentro... Aldo, traga nosso *supernetinho*, que também deve estar louco pra conhecer seu novo lar, e não se preocupem que o Zeca já é de casa e vai levar as bagagens pra dentro, não é Zeca? Vamos... Vamos logo que vocês precisam descansar... Beatriz parecia uma matraca despejando mimos em seus netinhos. Antônio e Heitor se divertiam com a cena enquanto os avós zelosos entravam em casa com as crianças.

- Ai, ai, ai... Mamãe já começou a estragar as crianças antes mesmo de chegarem em casa... - Sorriu Antônio.

- Pensei que avós fossem pra isso... ou não? - Brincou Heitor. - Ou vai me dizer que não sente saudades de quando era criança e seus

avós faziam todas as suas vontades... Antônia acenou que sim com a cabeça. - E você, Zeca, também teve o prazer de ser estragado por seus avós quando criança?

- Infelizmente tive pouco contato com meus avós... meus pais vieram de Minas pra cá quando eu ainda não era nascido... só via meus avós quando íamos visitar a família, quando alguém casava ou morria... - Disse Zeca.

- Ih, cruzeiros! Nada de tristeza hoje, Zeca. Hoje é o novo primeiro dia de nossas vidas em um novo velho país... Hoje é só alegria! - Disse Antônia animada. - Acho que roubei essa frase de algum lugar, não acha querido?

- Com certeza! Bom, pelo menos parte dela, aliás, não haveria frase melhor que essa para o dia de hoje. Vamos, vamos levar as coisas pra dentro!

Zeca, Antônia e Heitor começaram a descarregar a van quando mais duas pessoas vieram ao encontro deles para ajudar, eram Ana, secretária de Beatriz e Matilde, sua governanta. O atelier de Beatriz e Aldo ficava no anexo da casa, e seus funcionários, que ela gostava de frisar que eram mais que amigos, estavam sempre prontos para ajudá-los. A noite caiu rapidamente, enquanto carregavam as bagagens. Depois de doze horas de voo e quase duas de viagem de carro, todos estavam exaustos e loucos para dormir em uma cama confortável.



Gostou do livro?
Clique aqui e compre o seu!



Ranah Tesch formou-se em Filosofia na UERJ e Produção Audiovisual na UNESA. Produziu dezenas de espetáculos teatrais adultos e infantis, mas nunca escondeu seu fascínio pelo universo infantil e infantojuvenil. A Biblioteca Secreta é sua estreia literária neste universo e traz uma atmosfera de encantamento e magia que promete prender seus pequenos e jovens leitores do início ao fim.



Clara começou a caminhar pelo quintal da chácara de sua avó à procura de Pitty, sem sucesso. Com sua incursão acabou encontrando recantos na propriedade que ainda não conhecia, como um enorme pomar, na parte de trás, cheio de árvores frutíferas. Continuou caminhando e viu uns banquinhos de jardim ao redor de uma pequena fonte natural, cercada por pedras e uma trilha, que seguia em direção a uma floresta que cobria toda a montanha atrás da casa. - Puxa, que lindo! Pena que só descobri essa maravilha justo hoje, depois que o temporal quase detonou tudo. Ai, nossa, tem muito lugar pra Pitty se perder, não quero nem imaginar! - Pensou, aflita. Entrou no início da trilha e percebeu um aglomerado de pedras um pouco mais adiante. Ficou com medo de avançar mais e já estava se virando para voltar para casa quando ouviu o que parecia ser um miado.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-924578-1-5



9 788592 457815

R. Tesch